

IFCH/UNICAMP

Thiago do Amaral Biazotto – thiago_a_b@yahoo.com.br

Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari – ppfunari@uol.com.br

Helenismo - Helenização – Modelos normativos de cultura

Introdução

Desde que o erudito prussiano Johann Gustav Droysen (1808-1884) cunhou o termo “helenismo” na era moderna, vastíssima produção historiográfica foi escrita tendo como objetivo entender as interações culturais entre greco-macedônios e autóctones durante o período balizado pelas mortes de Alexandre Magno, em 323 a.C., e Cleópatra, em 30 a.C. Para os fins desta pesquisa, foram escolhidos os três tomos que abordam esta fascinante temática: *Alexandre: o grande* (1833), do próprio Droysen, *El imperialismo macedonico y la helenización del oriente* (1926), de Pierre Jouguet (1869-1949), e *Alien Wisdom: The Limits of Hellenization* (1975), de Arnaldo Momigliano (1908-1987) buscando compreender de que forma cada estudioso interpretou, do ponto de vista cultural, a chegada de Alexandre e seus sucessores aos confins do Oriente.

Metodologia

A pesquisa foi realizada sob a premissa teórica de que os olhares e interpretações sobre o passado nascem de questionamentos e aspirações do presente, de forma que torna-se cabal o escrutínio do contexto de produção dos eruditos aqui estudados. Sendo assim, a investigação foi pautada tanto pela análise do conceito de helenismo no interior das obras escolhidas como estudo de caso quanto pela leitura de bibliografia que versa sobre o momento histórico em que cada uma delas foi levada a lume.

Figura 1: Tetradracma de prata com a efigie de Alexandre.

Disponível em:

<http://theworldofalexanderthegreat.files.wordpress.com/2012/06/0000070606-coins0023-002.jpg> (acesso: 11/09/2013)



Referências bibliográficas

DROYSEN, J. *Alexandre: o grande*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

JOUGUET, P. *El imperialismo macedonico y la helenización del oriente*. Barcelona: Cervantes, 1927.

MOMIGLIANO, A. *Os limites da helenização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

Resultados

A partir da leitura crítica de fontes e bibliografia auxiliar, auferiu-se diferenças notáveis nas formulações de Droysen, Jouguet e Momigliano a respeito das interações culturais entre greco-macedônios e autóctones. Para o primeiro, temos o triunfo da cultura grega que, recebendo influxos das práticas locais, gerou o helenismo, auspicioso fruto do gênio helênico que consolidou a vitória das falanges alexandrinas sobre as hordas asiáticas, numa visão influenciada pelas convicções políticas de erudito, que advogava fervorosamente pela unificação alemã sob o espectro prussiano. Para Jouguet, a tese magna é a “helenização do Oriente”, com a cultura grega tingindo a Ásia com as cores do racionalismo helênico, numa linha interpretativa em que a fundação de cidades helenísticas possuiu analogias com as colônias francesas que se proliferavam em rincões diversos. Para Momigliano, a marca mais notável da civilização helenística – conceito adotado pelo piemontês em detrimento do de helenismo – foram os intensos intercâmbios culturais entre estrangeiros e nativos, enunciação que parece possuir pontos de contato com o mundo hodierno, no qual se apregoa a existência de identidades fluidas e diversidades culturais múltiplas.

Figura 2: Mosaico da Batalha de Isso.

Disponível em: OPPOCC.bp.blogspot.com/

yXPwiEX1904/Ucwi6EyDQII/AAAAAAAAAnjY/IwWEnlqWnro/s1600/AAISBalexander_mosaic_web_1.jpg (acesso: 11/09/2013).



Conclusão

Por meio da apreciação pormenorizada das fontes e de bibliografia complementar, concluiu-se que o conceito de helenismo está longe de ser imutável, preempório e aproblemático. Ele possui apanágios que, nos mais das vezes, correspondem ao contexto político, social e cultural no qual ele é pensado e formulado. Desde modo, fica patente que estudar a Antiguidade - para além do aspecto de uma erudição inócua que muitos ainda existem em incutir-lhe – significa ter a ciência de que o passado nunca é estanque, mas, sim, que é resignificado de forma a dar sustentação e legitimidade às práticas do presente.